



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE QUÍMICA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM QUÍMICA

ANA LUCIA ALVES DOS SANTOS

**LEVANTAMENTO OBSERVATÓRIO DA INSERÇÃO DE ALUNOS COM
DEFICIÊNCIA EM AULAS MEDIANTE A VISÃO DE SEUS PROFESSORES DE
QUÍMICA EM EXERCÍCIO**

Campina Grande-PB
2017

ANA LUCIA ALVES DOS SANTOS

**LEVANTAMENTO OBSERVATÓRIO DA INSERÇÃO DE ALUNOS COM
DEFICIÊNCIA EM AULAS MEDIANTE A VISÃO DE SEUS PROFESSORES DE
QUÍMICA EM EXERCÍCIO**

Trabalho apresentado como requisito para obtenção do título de **Graduado em Licenciatura Plena em Química**, pela Universidade Estadual da Paraíba.

Área de concentração: Educação em Química.

Orientador: ***Prof. Dr. Francisco Ferreira Dantas Filho***

**Campina Grande-PB
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S2371 Santos, Ana Lucia Alves dos.

Levantamento observatório da inserção de alunos com deficiência em aulas mediante a visão de seus professores de química em exercício [manuscrito] / Ana Lucia Alves dos Santos. - 2017.

30 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Química) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia, 2017.

"Orientação: Francisco Ferreira Dantas Filho, Departamento de Química".

1. Ensino de Química. 2. Educação inclusiva. 3. Formação docente. 4. Aluno com deficiência. I. Título.

21. ed. CDD 370.115

ANA LUCIA ALVES DOS DANTOS

LEVANTAMENTO OBSERVATÓRIO DA INSERÇÃO DE ALUNOS COM
DEFICIÊNCIA EM AULAS MEDIANTE A VISÃO DE SEUS PROFESSORES DE
QUÍMICA EM EXERCÍCIO

Trabalho apresentado como requisito
para obtenção do título de **Graduada**
em **Licenciatura Plena em Química**,
pela Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em; 17/3/17

BANCA EXAMINADORA

Gilberlânio Nunes da Silva
Prof. Msc. Gilberlânio Nunes Da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Francisco Ferreira Dantas Filho
Prof. Dr. Francisco Ferreira Dantas Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Railton Barbosa de Andrade
Prof. Dr. Railton Barbosa de Andrade
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Campina Grande-PB
2017

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela sabedoria e por tudo que me proporciona a cada novo dia.

Ao meu professor orientador Dr. Francisco Ferreira Dantas Filho por toda paciência, dedicação e compreensão para realização do presente trabalho.

Às minhas queridas amigas, Ana Patrícia Martins Barros e Mônica Marcelino de Souza, pela ajuda, paciência e dedicação na realização desse trabalho.

A todos as demais amigas e companheiras de curso Deise Alves, Leticia Araújo, Ilma Cândido e Ruanna Medeiros por estarem presentes nos meus dias, tornando-os mais alegres e vencendo comigo cada dificuldade encontrada no decorrer de todos esses anos.

Aos Professores por todos os ensinamentos e experiências compartilhadas.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização dessa conquista.

À minha família por todo carinho, apoio e força, bem como por estarem sempre ao meu lado durante a caminhada como discente.

À minha mãe, Maria José Alves dos Santos, que é a minha base, meu tudo, pelo seu cuidado e amor incondicional, paciência, incentivo e por não medir esforços para que eu chegasse até aqui.

Sem vocês eu não teria conseguido. A todos, meu muitíssimo obrigado!

“Pensamos demasiadamente e sentimos muito pouco. Necessitamos mais de humildade que de máquinas. Mais de bondade e ternura que de inteligência. Sem isso, a vida se tornará violenta e tudo se perderá”.

Charles Chaplin

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sistematização das falas dos professores participantes da pesquisa com relação à Categoria 02: Qual dos dados sobre as dificuldades do professor mediador do conhecimento, com relação aos alunos portador de necessidades especiais. 21

Figura 2: Sistematização das falas dos professores participantes da pesquisa com relação à Categoria 04: Você se considera apto (a) para trabalhar diversos conteúdos de Química com alunos portadores de necessidades especiais? 23

Figura 3: Sistematização das falas dos professores participantes da pesquisa com relação à Categoria 06: Os alunos ditos “normais” que interagem com os alunos com necessidades educacionais especiais têm menos possibilidades de se desenvolverem? 25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sistematização das falas dos professores participantes da pesquisa com relação à Categoria 01: Você possui ou já possuiu algum aluno com algum tipo de deficiência em suas aulas de Química? Como foi ou é essa experiência? 20

Quadro 2: Sistematização das falas dos professores participantes da pesquisa referente à Categoria 03: Existe alguma situação em que a inclusão pode ser considerada inadequada para os alunos portadores de necessidade especial na rede regular de ensino? Por quê?..... 22

Quadro 3: Sistematização das falas dos professores participantes da pesquisa referente à Categoria 05: A presença de um aluno com necessidades educacionais especiais numa turma de ensino regular interfere no progresso de ensino aprendido dos demais colegas da mesma turma? Por quê? 24

RESUMO

Os direitos da criança e do adolescente são garantidos desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos, independente das condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais ou linguísticas que possua. Esse é o princípio básico da educação inclusiva: as diferentes necessidades de aprendizagem dos sujeitos. E, sob a ótica da educação inclusiva, surge o ensino de Química, que deve ser defendida para todos. O lugar ideal de preparação do professor para a educação, inclusiva ou não, é na Universidade. Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo fazer um levantamento de dados, mediante a visão dos professores de Química em exercício, referente a inserção de alunos com deficiências em suas aulas para que seja possível verificar a real situação da educação especial nas escolas públicas estaduais do ensino regular. A proposta pretende avaliar a formação dos professores atuantes nesse segmento de alguns municípios interioranos do estado da Paraíba: Lagoa Seca, Lagoa de Roça e Alagoa Nova. Constatou-se entre outras coisas que, os professores não se sentem, ainda, preparados para a inclusão e, que precisam adequar sua visão sobre educação inclusiva às necessidades cada vez mais emergentes de seus alunos portadores de necessidades especiais.

Palavras-chave: Ensino de Química; Inclusão Educacional; Professores.

ABSTRACT

The children's and adolescent's rights are guaranteed according the Universal Declaration of Human Rights, independent of physical, intellectual, social, emotional or linguistics conditions. This is the basic principle of an inclusive education: the unique needs for learning some subject. And, following the lead for an inclusive education, there is the Chemistry teaching. The ideal place for a teacher to be prepared for the ways to teach, either inclusive education or not, is at the University. Thus, the present work had as objective to make a data survey, through the views of Chemistry's teachers in exercise, referring to the insertion of students that have any kind of deficiency in learning processes and make possible to verify the real situation of the special education in the public Schools for regular education. The proposal intends to evaluate the training of teachers working in this segment in some cities of Paraíba: Lagoa Seca, Lagoa de Roça and Alagoa Nova. Among other things, it was noted that teachers do not feel ready for inclusion and that they need to adapt their vision of inclusive education to the increasingly emerging needs of their students with special needs.

keywords: Teaching Chemistry; Educational Inclusion; Teachers.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	12
2.1	OBJETIVO GERAL	12
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3.1	EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO DE QUÍMICA	13
3.2	ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS	15
3.3	PROFESSORES DE ALUNOS COM ALGUMA DEFICIÊNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS	16
4	METODOLOGIA	19
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	27
	APÊNDICE – A: QUESTIONÁRIO AVALIATIVO PARA LEVANTAMENTO DE DADOS, MEDIANTE A VISÃO DOS PROFESSORES DE QUÍMICA EM EXERCÍCIO, QUANTO A INSERÇÃO DE ALUNOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS EM SUAS AULAS.	29

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Química é tradicionalmente baseado na visão, na observação de fenômenos e reações químicas, observadas através da mudança de cor, formação de precipitado e formação de gases. Nesse panorama, mesmo fora do laboratório e sem experimentos, as estruturas das moléculas e as equações químicas dominam o ambiente, e as analogias utilizadas para compreensão desta disciplina.

Atualmente, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996, a Educação Especial começou a ter visibilidade e a ganhar pesquisas relacionadas à educação das pessoas com deficiência. A educação inclusiva consiste em uma temática bastante explorada na área educacional e o debate sobre a inclusão de alunos com necessidades educacionais específicas em salas regulares provoca uma grande reflexão (SENNA, 2008).

Essa educação inclusiva começou e foi direcionada de acordo com a organização da sociedade, ela era voltada para sujeitos que não eram vistos como “normais” e que não atendiam às expectativas do meio em que viviam. Durante todo o desenvolvimento dessa história existiram influências do meio social, econômico e político vigente na época (LITWINCZUK, 2011).

Atualmente, a formação de professores deve abranger uma educação inclusiva com enfoque na educação especial. Esses dois termos, ainda que erroneamente utilizados por parte da população para se referir apenas às pessoas com deficiência, caminham lado a lado, possuindo, no entanto diferenças em seus significados. Enquanto “a educação especial constitui-se como um campo de atuação específico no atendimento às pessoas que apresentem algum tipo de deficiência, síndrome, transtorno ou altas habilidades” (SILVA, 2015, p. 15), a Educação Inclusiva é mais ampla, abrangendo assim toda e qualquer pessoa na perspectiva dos Direitos Humanos, independentemente de portar alguma deficiência ou não, bem como de sua etnia, orientação sexual, identidade de gênero, credo, condição social, etc.

Santos e Paulino (2006) consideram que para que o sucesso referente à inclusão dos deficientes visuais no âmbito educacional seja almejado, é necessário levar em consideração o importante papel do professor uma vez que, para que haja a promoção do ensino potencializando a aprendizagem dos alunos que necessitam do atendimento educacional especializado, esse deverá estar preparado e assessorado na construção do saber.

Com a aplicação desses questionamentos, a partir da análise destes dados, buscou-se analisar como se dá o processo de ensino dos professores de Química para com os alunos com alguma necessidade especial ou deficiência estudando na rede pública de ensino, sendo possível assim um entendimento qualitativo referente à formação desses professores e a sua vivência na Educação Especial.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar o entendimento dos professores de algumas escolas da rede pública de ensino da Paraíba sobre a inclusão de alunos portadores de necessidades especiais em suas aulas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Avaliar a formação dos professores atuantes nesse segmento nos municípios paraibanos Lagoa Seca, Lagoa de Roça e Alagoa Nova;
- ✓ Verificar com os professores atuantes as propostas didáticas no enfoque na educação especial;
- ✓ Apresentar a real situação da educação especial em algumas escolas públicas estaduais do ensino regular;
- ✓ Analisar a formação do docente para o atendimento à esses alunos e suas especificidades.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO DE QUÍMICA

Atualmente a educação brasileira está vivenciando uma nova realidade assim como novas práticas pedagógicas, especialmente a partir da promulgação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), orientando para que as instituições escolares passassem a dar maior visibilidade às pessoas com deficiência; visibilidade essa que é posta no capítulo V da referida lei, dedicado exclusivamente para tratar da Educação Especial.

Dentro deste contexto o ensino de Ciências também deve desenvolver peculiaridades ao ser ministrado para crianças com necessidades educacionais especiais. Os conteúdos de Ciências, muitas vezes, apresentam temas de difícil compreensão e isso pode ser um desafio para professores e alunos. As aulas práticas apresentam formas de estudos que nem sempre são acessíveis para todos, como por exemplo, olhar um material no microscópio. Este e outros pontos devem ser analisados minuciosamente pelo professor para que nenhum aluno seja 'excluído' do aprendizado (CAMARGO, 2006).

Conforme afirma Tavares (2009) o ensino de Química é uma área de pesquisa relativamente nova e que se faz necessário ser trabalhada. É necessário também que haja 18 maiores diálogos entre pesquisadores e professores no sentido de se ter uma troca de experiências e perspectivas teóricas e/ou metodológicas. E essa troca de experiência é de suma importância uma vez que contribui para o crescimento da pesquisa e enriquece o conhecimento nessa perspectiva além de levar a uma maior compreensão quanto ao estudo de química na formação crítica de cidadãos.

E assim é muito importante discutido sobre a relevância do desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem que contemple as necessidades educacionais específicas. Também têm apontado nos debates atuais sobre a inclusão o ensino brasileiro tem diante de si o desafio de encontrar a solução para uma melhoria nessa modalidade de ensino, principalmente no que tange o ensino das ciências como a química.

No Brasil, apesar da inclusão de alunos com algum tipo de deficiência acontecer de maneira vagarosa e relutante, o número de matrículas caminha de forma crescente como mostrado pelo Ministério da Educação (MEC). No ano de 2003, o país possuía cerca de 145 mil alunos matriculados nas chamadas escolas regulares de ensino, tendo em 2014, esse número aumentado em mais de 400% chegando aos 198 mil alunos. Na rede federal

de ensino superior, o ano de 2014 registrou um total de quase 20 mil matrículas de pessoas com deficiência (SALOMÃO, 2015).

Isto mostra que:

[...] [a] necessidade de atuação em favor de padrões satisfatórios de desempenho a serem alcançados, caracterizando-se como principais enfoques: melhorar a adequação de métodos; adotar procedimentos e instrumentos para identificação, diagnóstico e prescrição de atendimentos; aperfeiçoar currículos e programas; suprir material didático e escolar e equipamentos especializados; adequar instalações físicas e suprir de pessoal docente e técnico especializado o tratamento educacional de excepcionais. (BRASIL, 1977, p. 13).

O Ensino de química, assim como todos os outros, pode ser ministrado com diversos trabalhos dinâmicos, metodologias diferenciadas, inovadoras e criativas e podem fazer com que se trate de um assunto interessante, e a partir do qual alunos podem fazer paralelos e trazer muito do que é visto dentro de sala de aula para o cotidiano. Não podemos esquecer que o Ensino de Ciências também apresenta temas complexos, que muitas vezes não são compreendidos a princípio pelos alunos e, por mais este motivo, deve ter a atenção/cuidados necessários para ser ministrado da melhor forma possível, e para que este ensino e todos os outros não desconsiderem os alunos com necessidades educacionais especiais.

E assim suguem as dificuldades que encontradas pela maioria dos professores ao buscarem os materiais adaptados e *Tecnologias Assistivas*¹ que possam contribuir na aprendizagem dos alunos poderiam ser amenizadas a partir de uma formação de professores que abordasse disciplinas voltadas para a Educação Especial, Educação Inclusiva e/ou Diversidade na escola, ratificando a ideia de Gonçalves *et al.*, (2013) que “a formação clássica do professor pressupõe a existência de uma metodologia de ensino universal para esses alunos considerados ideais ou normais”, sendo qualquer aluno que fuja dessa norma e que apresente algum distúrbio, transtorno ou deficiência, um refém desse tradicionalismo.

É possível proporcionar um ensino de qualidade que atenda a todos, mas para isso, deve haver uma mobilização geral e até mesmo aceitação para que dentro de uma sociedade tenhamos igualdade entre todos.

¹ *Tecnologia Assistiva* pode ser entendida como uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL – SDHPR, 2012).

3.2 ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Segundo o Decreto 3.956 (2001), entende-se por deficiência: "uma restrição física, mental ou sensorial de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social".

Por Mathias (2009), como, deficientes visuais, surdos e mudos, deficientes físicos, deficientes mentais e superdotados, e, independente de cada um, ter sua necessidade especial, estes podem ter alguma facilidade em um determinado tema ou estratégia didática, o que pode acrescentar e muito os estudos para os demais alunos. As técnicas apresentadas por Mathias (2009) para se incluir um aluno com necessidades educacionais dentro das escolas são bastante aplicadas no ensino regular, o que é de fato importante, é perceber como estas metodologias diferenciadas trazem um resultado positivo para alunos com necessidades educacionais especiais. Muito do que foi explorado pela autora já está inserido dentro de uma sala de aula de Ciências, sabemos que é complicado inserir um aluno com necessidades educacionais especiais o tempo todo, pois são muitas as necessidades especiais. Mas a rotina diária pode ajudar muito na compreensão de cada necessidade especial e qual o tempo de cada um para determinada tarefa ou assunto tratado dentro de sala de aula.

Enfatiza a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais nas classes comuns, na perspectiva de abolir as práticas segregacionistas que vêm norteando a educação desses alunos. Entretanto, no que tange à educação básica no ensino público e privado, a educação inclusiva tem representado um desafio. A educação inclusiva do aluno com necessidades educacionais especiais - deficiência física significa, no âmbito escolar, a substituição do modelo racionalista ainda predominante na prática docente, fundamentado na padronização, na objetividade, na eficiência e no produto, para uma nova concepção da educação enquanto um sistema aberto, alicerçado nas dimensões do ser, do fazer e do conviver.

Esse trinômio representa a síntese dos elementos fundamentais para que o desenvolvimento do aluno com necessidades educacionais especiais - deficiência física possa realizar-se de forma consoante com as suas condições e necessidades, e considerando-se que a peculiaridade de ser deficiente físico modifica a forma com que ele atribui significados a realidade ao seu redor e transforma as suas condições de relação com

o ambiente social. Portanto, há de se olhar o aluno com necessidades educacionais especiais - deficiência física como um sujeito que, apesar de possuir uma especificidade que o diferenciado demais, deve ser visto como um sujeito pleno e historicamente situado, capaz de responder com competência às exigências do meio, contanto que lhes sejam oferecidas condições para tal.

Viveiros e Camargo (2006) discutem como metodologias diferenciadas podem acrescentar no ensino de Ciências e como isto pode interferir no ensino dentro de uma aula inclusiva. Vários métodos de ensino são propostos, dentre eles métodos de ensino para deficientes, acompanhado de recursos didáticos e sugestões de metodologias de ensino.

A maior inquietação de docentes que trabalham com alunos com necessidades especiais em classes comuns é a dinâmica do cotidiano de sala de aula, preenchida por uma grande quantidade de educandos. Neste contexto, atender ao aluno com necessidade especial parece ser um grande desafio para o professor (GLAT, 2007).

3.3 PROFESSORES DE ALUNOS COM ALGUMA DEFICIÊNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS

A prática pedagógica em sala, nas aulas de ciências, necessita de ferramentas e interfaces que interligue o estudante a interação com as descobertas, para que os mesmos possam sentir e ouvir, quando não é possível enxergar, possa ver e sentir quando não é possível ouvir, sempre complementando a descoberta com os sentidos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (2010) definem, na seção II, sobre a educação especial:

“§ 2º Os sistemas e as escolas devem criar condições para que o professor da classe comum possa explorar as potencialidades de todos os estudantes, adotando uma pedagogia dialógica, interativa, interdisciplinar e inclusiva e, na interface, o professor do AEE deve identificar habilidades e necessidades dos estudantes, organizar e orientar sobre os serviços e recursos pedagógicos e de acessibilidade para a participação e aprendizagem dos estudantes.”

Alunos com necessidades especiais não são diferentes dos demais alunos, dependendo da área em questão podem até ser melhores que alunos que não possuíam necessidades especiais, como relato de sala de aula teve a experiência de estudar com um aluno que possuía deficiência auditiva, o mesmo demonstrava uma aptidão nas áreas de matemática e ciências possuindo dificuldades em português, que se explica pelo fato do mesmo não interagir da forma como interagimos sonoramente com as palavras, mas nos

cálculos as palavras não precisavam de som para fazer sentido e isso facilitava o aprendizado para este aluno.

A facilidade de assimilação não é a mesma para todos os demais alunos com necessidades especiais, por isso é importante a diversidade das práticas pedagógicas aliadas com material didático que supram as carências no processo e comunicação, como LIBRAS e BRAILE.

Existe uma problemática acerca da formação dos professores perante a educação inclusiva, pois os mesmos encontram-se despreparados, em sua maioria, como também as escolas não possuem estrutura e materiais didáticos necessários a inclusão, como também funcionários da escola, é preciso enxergar como um todo. Segundo Alves (2009):

“O importante não é só capacitar o professor, mas também toda equipe de funcionários desta escola, já que o indivíduo não estará apenas dentro de sala de aula. [...] Alguém tem por obrigação treinar estes profissionais. [...] Esta preparação, com todos os profissionais serve para promover o progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas.” (ALVES, 2009, p.45,46).

E também para Gonzáles (2002) o professor deve assumir uma postura reflexiva.

Segundo ele:

“Será necessário prestar uma maior atenção ao contexto social, político e cultural da escola, com a finalidade de fazer o professor em formação compreender que a tolerância e a flexibilidade, diante das diferenças individuais, sejam do tipo que forem, devem ser uma forma de comportamento habitual em sala de aula, fortalecendo uma formação capaz de enfrentar os desafios de uma educação pluralista (p.247)”.

De acordo com Bueno (1999), os cursos de graduação que possuem como foco a licenciatura e pedagogia, deveriam apresentar alterações qualitativas significativas visando oferecer novas possibilidades para os professores refletirem sobre a pluralidade no contexto de sala de aula para a construção de um sistema educacional inclusivo.

Neste sentido Leite (2003) comenta que a escola tem como papel principal o de construir conhecimento, o professor nesta questão tem uma postura de mediador na construção deste conhecimento devendo se preocupar com sua atuação em sala de aula e fora dela na formação permanente.

Segundo Mantoan (2003), a educação escolar deve ser pensada a partir da idéia de uma formação integral do aluno, conforme suas capacidades e talentos, um ensino participativo, acolhedor e solidário. E para que isso aconteça de forma plena é importante que haja o exercício diário de cooperação, de fraternidade, do reconhecimento e do valor das diferenças.

Ainda de acordo com Mantoan (2003), os professores do ensino regular não estão preparados para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais, então, encontra-se no diagnóstico clínico uma forma de justificar o encaminhamento para a educação especial, onde supostamente esses alunos receberão a atenção de que necessitam.

Assim a formação de professores capacitados para atuar com alunos deficientes, será o alicerce fundamental para que a educação seja exclusivamente inclusiva, procurando ao máximo fazer com que os alunos desenvolvam suas potencialidades e desafios.

4 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho a pesquisa foi feita se utilizado de um questionário com seis diferentes perguntas, sendo três delas abertas (onde é possível a apresentação da opinião dos entrevistados de forma dissertativa) e, três fechadas que foram voltadas para reflexões em que os participantes respondem de acordo com o seu grau de concordância.

O público alvo desta pesquisa envolveu dezoito professores atuantes no ensino regular do 9º ano até 3º ano do Ensino Médio e fundamental dos vários turnos (manhã, tarde e noite) das escolas pública estadual, dos municípios de Lagoa Seca, Lagoa de Roça e Alagoa Nova, localizadas no estado da Paraíba-PB.

A análise do questionário se fez a partir do grau de adequação das respostas ao esperado de uma visão apropriada de inclusão, de acordo com as suas respectivas concepções. O questionário abordou, essencialmente, dimensões sobre a educação inclusiva do ponto de vista do professor, tais como: as ideias do mesmo sobre educação inclusiva, o grau de aceitação e conhecimento sobre inclusão, condições necessárias para realização de inclusão, entre outros. A análise foi feita a fim de se verificar a realidade das escolas regulares sobre educação inclusiva, sendo realizada, portanto uma análise qualitativa dos dados obtidos.

Segundo Fujisawa (apud BELEI *et al.*, 2008, p. 189), a análise dos questionários aplicados aos professores de Química “permite uma organização flexível e ampliação dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado”, as informações podem assim ser analisadas a partir da técnica de análise de conteúdo apoiando-se em Bardin (2011). Nesta técnica de análise, o analista tira partido do tratamento das mensagens que acessa para inferir, através da descrição (enumeração das características do texto) e da interpretação (significação concedida a estas características). A inferência é o processo intermediário entre estas duas ações, e revela as causas, efeitos e consequências dos atos enunciativos dos envolvidos.

Segundo Bardin (2011), a codificação é o processo pelo qual os dados em bruto são transformados sistematicamente e agrupados em unidades, que permitem uma descrição das características do conteúdo. Este processo compreende o recorte, enumeração, classificação e agregação. As análises descritas nos resultados e discussão foram tecidas com base nas realidades das escolas inclusivas pesquisadas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do questionário avaliativo do levantamento de dados, mediante a visão dos professores de química em atuação, quanto à inserção de alunos com deficiências em suas aulas obtemos os seguintes dados:

Quadro 1: Sistematização das falas dos professores participantes da pesquisa com relação à Categoria 01: Você possui ou já possuiu algum aluno com algum tipo de deficiência em suas aulas de Química? Como foi ou é essa experiência?

Subcategorias	%	Fala dos sujeitos
1.1 O professor possui ou já possuiu algum aluno, e descreve a experiência como desafiadora, porém, consegue transmitir o conhecimento desejado.	70%	<p>“Já tive um aluno com deficiência auditiva no qual no início senti muita dificuldade, mas depois com a ajuda de um auxiliar de sala com experiência, consegui passar o conteúdo com maior facilidade”.</p> <p>“Há alguns anos recebi em uma turma de 9º Ano, uma deficiente visual, possuo alguns cursos em braille, participação em palestras e em oficinas, mas nunca na sala de aula, com o decorrer do ensino esta aluna ensinou mais aos colegas e aos professores.”</p> <p>“Possuo um aluno com deficiência auditiva, onde é sua irmã que lhe ajuda como interprete, em minhas aulas inicialmente fiquei meio receioso, pois não acreditei que a “interprete”, poderia passar o conteúdo como deveria, mas com felizmente, foi percebido uma aprendizagem significativa considerável”.</p>
1.2 O professor possui ou já possuiu um aluno, o qual ele percebeu uma grande dificuldade em aprender determinado conteúdo mediante a metodologia utilizada.	20%	<p>“Esse mesmo aluno com deficiência auditiva se apresenta muito esforçado, mas percebo que sua aprendizagem é um pouco mais lenta, em comparação as dos seus colegas”.</p> <p>“Já tive um aluno com deficiência visual, o qual em alguns conteúdos não conseguiu desenvolver o ensino, por que era necessário que o aluno observasse a reação ou a estrutura para poder compreender”.</p> <p>“Sim, em uma turma do ensino médio, há alguns anos um aluno com deficiência, começou junto com uma turma, mas não conseguiu terminar o ano letivo, acredito que tenha sido o meu método de estudo”.</p>
1.3 O professor já possuiu, mas acredita que precisa estar capacitado para desenvolver alguma didática com alunos especiais em turmas da rede regular do ensino.	10%	<p>“Possui e não gostei da experiência, pois percebi que em muitos casos, o aluno não alcançou o objetivo do conteúdo”.</p> <p>“Sim já tive e acredito que ele não tenha realmente compreendido como esperei”.</p> <p>“Como nunca tinha tido nenhuma experiência, acredito ter deixado muito a “desejar”.</p>

Os resultados obtidos e expressos no Quadro 1 mostram que do total de participantes da pesquisa, 70% possuiu ou já possuiu algum aluno, e descreve a experiência como desafiadora, porém, consegue transmitir o conhecimento desejado; 20% dos possuiu

ou já possuiu um aluno, o qual ele percebeu uma grande dificuldade em aprender determinado conteúdo mediante a metodologia utilizada; e, por fim 10% dos professores já possuíram, mas acredita que precisa estar capacitado para desenvolver alguma didática com alunos especiais em turmas da rede regular do ensino.

A partir das reflexões realizadas, percebe-se que o curso de Licenciatura em Química em questão ainda tem um longo caminho a percorrer até se adaptar às políticas de inclusão. Entretanto, a universidade e os cursos de formação de professores não devem trilhar sozinhos esses caminhos; devendo existir ações de respaldo do Governo, priorizando a contratação de novos professores, estimulando o surgimento de pesquisas na área da educação inclusiva e reduzindo as várias obrigações dos professores.

A **Figura 1** representa graficamente o resultado da pesquisa com relação à Categoria 02, em que foi aplicado o seguinte questionamento: Qual (is) maior (es) dificuldade (s) atual do professor mediador do conhecimento, com relação aos alunos portador de necessidades especiais?

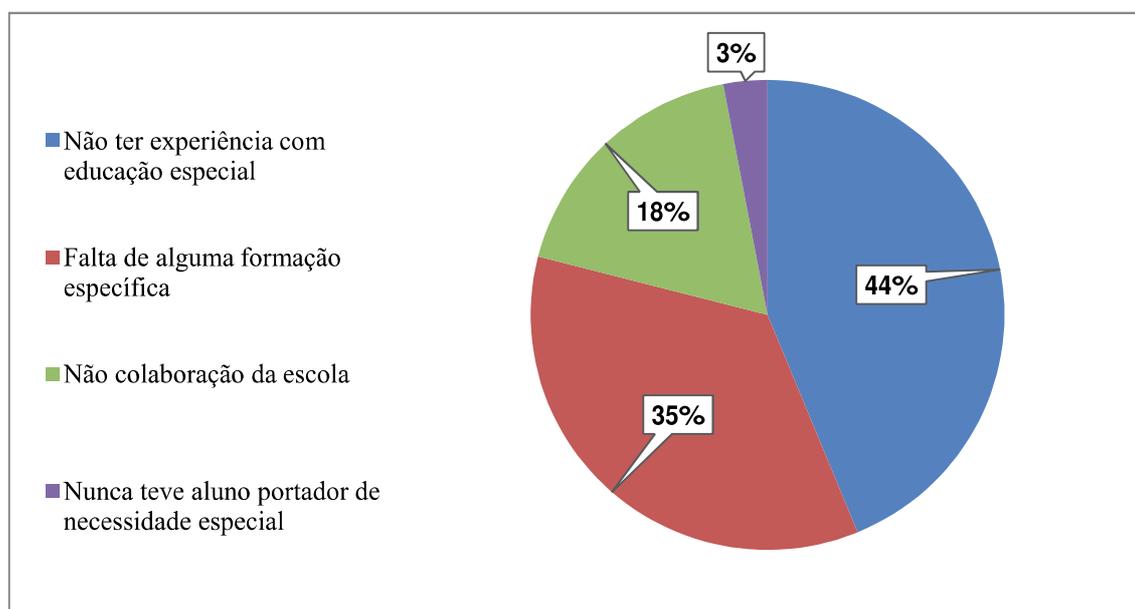


Figura 1: Sistematização das falas dos professores participantes da pesquisa com relação à Categoria 02: Qual dos dados sobre as dificuldades do professor mediador do conhecimento, com relação aos alunos portador de necessidades especiais.

Na Figura 1 obtemos os seguintes dados em que apresenta 43,80% não ter experiência com a educação especial; 35,20% possuem a falta de alguma formação na graduação; 18,00% apresentaram a não colaboração da escola e por fim 3,00% dos professores atuantes não tiveram nenhum aluno portador de necessidades especiais.

De acordo com os dados apresentado nos dados é possível a reflexão sobre o importante papel que a universidade e escola formadora desempenham na formação de futuros profissionais para a educação inclusiva. Os profissionais saem da universidade como profissionais “aptos” para o magistério, entretanto, se deparam com uma realidade para qual não foram preparados, sendo necessária uma melhor atenção na formação para a educação inclusiva que realmente prepare os profissionais a se tornarem aptos para trabalhar de maneira realmente inclusiva no ensino regular.

Quadro 2: Sistematização das falas dos professores participantes da pesquisa referente à Categoria 03: Existe alguma situação em que a inclusão pode ser considerada inadequada para os alunos portadores de necessidade especial na rede regular de ensino? Por quê?

Subcategorias	%	Fala dos sujeitos
3.1 O professor não concorda que a inclusão possa ser inadequada para alunos com alguma deficiência.	78%	<p>“Tenho certeza que deve existir a inclusão, pois muitos alunos tornam se capazes diante das dificuldades em que lhe são postos, a inovação deve ser da escola e do professor que muitas vezes não são preparados”</p> <p>“O aluno com deficiência, independente de qual seja, tem direito a educação e cabe ao professor saber trabalhar com a situação”.</p>
3.2 O professor concorda e relaciona sua resposta a não ajuda do governo ou um déficit em sua graduação.	22%	<p>“O ensino público é muito escarço principalmente quando se trata de investir na formação do professor em sala ou nas próprias escolas para receber alunos com alguma necessidade”.</p> <p>“Em minha graduação e toda experiência em sala não tive formação para desenvolver metodologias para alunos especiais”.</p>

Os resultados obtidos e expressos no Quadro 2 mostram que dos participantes da pesquisa, 78% não concorda que a inclusão possa ser inadequada para alunos com alguma deficiência. E 22% dos professores concordam e relacionam sua resposta a não ajuda do governo ou um déficit em sua graduação.

De acordo com os dados obtidos é possível inferir que os professores que participaram da pesquisa notam a importância de uma formação de professores que verse sobre a diversidade na escola, especialmente no que diz respeito à Educação Especial, visto que, como já abordado anteriormente, todas as pessoas com deficiência também possuem o direito à uma educação de qualidade, do mesmo modo que as pessoas sem deficiência.

Schnetzler (2004) ressalta que: “Ao desenvolverem trabalhos que propõem a formação do professor pesquisador e a parceria entre professores, os referidos autores estão

contribuindo para a construção de uma nova epistemologia da formação docente em Química”.

A Figura 2 representa graficamente o resultado da pesquisa com relação à Categoria 03, em que foi aplicado o seguinte questionamento: Você se considera apto (a) para trabalhar diversos conteúdos de Química com alunos portadores de necessidades especiais?

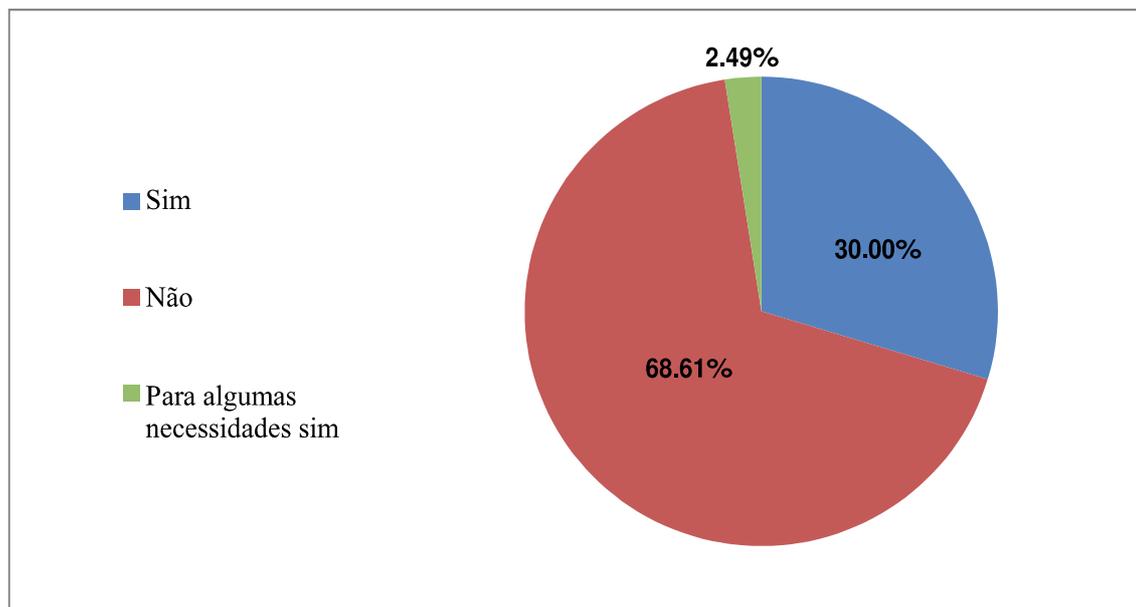


Figura 2: Sistematização das falas dos professores participantes da pesquisa com relação à Categoria 04: Você se considera apto (a) para trabalhar diversos conteúdos de Química com alunos portadores de necessidades especiais?

À partir da análise da Figura 2, observa-se que dos professores participantes da pesquisa 30% se considera apto para trabalhar diversos conteúdos de química com alunos que possuem alguma necessidade especial, 68,61% não e 2,49% se considera capaz de realizar atividades algumas deficiências sim.

Com isso pode-se concluir o quão é importante ressaltar a importância que o professor exerce na inclusão dos alunos com deficiência nas escolas, pois por mais que este não possua experiência na Educação Especial e se sinta com dificuldade para exercer sua atividade a medida em que for vivenciando o processo de escolarização dos seus alunos com deficiência, estará se beneficiando de uma educação para a diversidade, percebendo que todos os alunos, mesmo com as suas limitações, possuem as mesmas possibilidades de concluírem os seus estudos, sendo a inclusão um processo necessário para que a escola torne-se de fato um espaço democrático, acolhedora e menos celetista.

Quadro 3: Sistematização das falas dos professores participantes da pesquisa referente à Categoria 05: A presença de um aluno com necessidades educacionais especiais numa turma de ensino regular interfere no progresso de ensino aprendido dos demais colegas da mesma turma? Por quê?

Subcategorias	%	Fala dos sujeitos
5.1 O professor defende que se faz necessário, que todas as escolas e professores, possuam capacidade para receber estes alunos.	82%	<p>“A inclusão deve existir em todas as escolas porem muitos professores não estão preparados para tamanho desafio”.</p> <p>“Sou a favor da inclusão, mesmo que não tendo experiência, sempre é um grande aprendizado”.</p> <p>“A inclusão é algo que pode sim contribuir, para aprendizagem de todos, mas isso foge um pouco da realidade”.</p>
5.2 O professor acredita que deveria existir um investimento maior tanto nas escolas, sugerindo projetos ou escolas especiais	18%	<p>“Alunos com qualquer tipo de deficiência devem ter um pouco mais de atenção e um ótimo investimento seria a capacitação de professores é a criação de instituições especiais”.</p> <p>“Para alunos deficientes o investimento em instituto especialista em ensino, poderia contribuir para o ensino deste aluno”.</p>

O resultado obtido e expresso no Quadro 03 apresenta que, dos participantes da pesquisa, 82% defendem que se faz necessário que todas as escolas e professores possuam capacidade para receber estes alunos. E 18% dos professores acreditam que deveria existir um investimento maior nas escolas, sugerindo projetos ou escolas especiais.

Assim verificamos que a maioria dos professores concorda que apesar de materiais específicos estarem sendo desenvolvidos, não há, por parte das escolas, uma busca em atualização de materiais, visto que os alunos necessitam do auxílio e materiais específicos para o seu melhor entendimento da disciplina, ou de aulas de apoio, para entender esquemas, modelos, diagramas e teorias.

A realidade escolar que o aluno com necessidade especial enfrenta ainda não está adequada para promover sua inclusão. O Brasil se comprometeu a oferecer educação inclusiva pela LDB e pela declaração de Salamanca, porém, essa proposta tem encontrado vários obstáculos, posto que a falta de professores habilitados, a falta de conhecimento da comunidade escolar quanto às possibilidades que esta proposta oferece e a não exigência de preparo profissional para o trabalho com esses alunos retardam a oferta de respostas educativas que atendam às necessidades educacionais especiais.

A Figura 3 representa graficamente o resultado da pesquisa com relação à Categoria 6 em que foi aplicado o seguinte questionamento: Os alunos ditos “normais” que interagem com os alunos com necessidades educacionais especiais têm menos possibilidades de se desenvolverem?

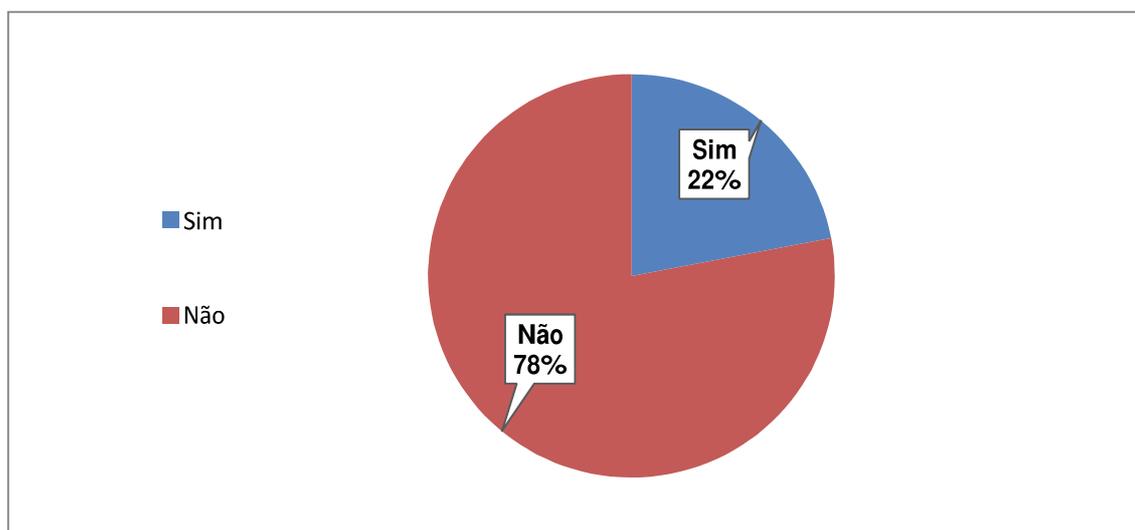


Figura 3: Sistematização das falas dos professores participantes da pesquisa com relação à Categoria 06: Os alunos ditos “normais” que interagem com os alunos com necessidades educacionais especiais têm menos possibilidades de se desenvolverem?

A partir da Figura 3 é observado que dos professores que participaram da pesquisa 22% considera que a interação do aluno dito “normal” com o aluno com necessidade educacional especial tem menos possibilidade de se desenvolver e 78% acredita que não.

Como reflexo desses resultados trago que o direito da criança e do adolescente à educação é garantido desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, independentemente das condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais ou linguísticas que possua (UNESCO, 1994).

A educação especial é definida no artigo 58 da Lei de Diretrizes e Bases brasileira (Lei nº 9394/96), como “a modalidade de educação, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais de ensino” (BRASIL, 1996, p. 31).

E dessa maneira, destacamos, ainda, que os professores apenas refletindo sobre a educação inclusiva não advém apenas do fato de que são políticas instituídas pelo governo, mas sim, como assinalado anteriormente, da preocupação de serem formados professores reflexivos, capazes de interpretar, compreenderem e, o mais importante de tudo, questionarem (SCHON,1998).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento realizado neste trabalho proporcionou uma reflexão sobre o importante papel que a Universidade e as escolas formadoras de profissionais desempenham na formação dos futuros profissionais da educação especificamente para a educação inclusiva.

Como o Ensino de Ciências apresenta temas complexos que muitas vezes não são compreendidos a princípio pelos alunos, para que este ensino não desconsidere os alunos com necessidades educacionais especiais, é fundamental que os profissionais formados nas Universidades sejam profissionais “aptos” para o magistério independente da diversidade que o seu campo de atuação, ou seja, a sua futura sala de aula.

Constatou-se a existência de argumentos de que a Universidade e as escolas formadoras não prepara esses profissionais para a inclusão porque os próprios formadores não tiveram contato com essa temática. Isso não pode ser caracterizado como pejorativo, comparando com a realidade dos profissionais formados em anos anteriores.

Os dados obtidos apontaram para a necessidade da adaptação de materiais nas disciplinas de Química, e para uma formação de professores que valorize a diversidade na escola. As dificuldades encontradas pela maioria dos professores ao buscarem materiais adaptados e Tecnologias Assistivas que possam contribuir na aprendizagem dos alunos poderiam ser amenizadas a partir de uma formação de professores que abordasse disciplinas voltadas para a Educação Especial, Educação Inclusiva e Diversidade na escola, ratificando a ideia de Gonçalves *et al.*, (2013) que “a formação clássica do professor pressupõe a existência de uma metodologia de ensino universal para esses alunos considerados ideais ou normais”, sendo qualquer aluno que fuja dessa norma e que apresente algum distúrbio, transtorno ou deficiência, um refém desse tradicionalismo.

REFERÊNCIAS

ALVES F. **Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio.** Rio de Janeiro, WAK EDITORA, 2009.

BRASIL. Decreto nº 3.956, de 8 de Outubro de 2001. **Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3956.htm>. Acesso em: 21 nov. 2016.

_____. Decreto-lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases (LDB).** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 21 nov. 2016.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. **Dados da Educação Especial no Brasil.** Brasília: MEC/INEP, 2006.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1998. 10 v.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Lei n. 9.394, de 20 de Dez. de 1996.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2016.

_____. SDHPR - Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência - SNPD. 2009. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/publicacoes/tecnologia-assistiva>>. Acesso em: 06 nov. 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BELEI, R. A.; PASCHOAL, S. R. G.; NASCIMENTO, E. N.; MATSUMOTO, P. H. V. R. O uso de entrevista, observação e vídeo gravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação.** Pelotas, v. 30, p. 187–199, 2008.

BENITE, A. M. C.; Pereira, L. de L. S.; BENITE, C. R. M.; Procópio, M. V. R. (2009). Formação de Professores de Ciências em Rede Social: Uma Perspectiva Dialógica na Educação Inclusiva. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências.** 9 (3).

BUENO, J.G.S. Crianças com necessidades educativas especiais, políticas educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas? **Revista de Educação Especial.** Piracicaba, v. 3, n. 5, p. 7-25, set. 1999.

CAMARGO, E. P. **O ensino de Física no contexto da deficiência visual: elaboração e condução de atividades de ensino de Física para aluno cego e com baixa visão.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

CAMARGO, Éder Pires; VIVEIROS, Edval Rodrigues. **Ensino de ciências e matemática num ambiente inclusivo: pressupostos didáticos e metodológicos.** Bauru, 2006.

GONÇALVES, F.P.; REGIANI, A.M.; AURAS, S.R.; SILVEIRA, T.S.; COELHO, J.C.; HOBMEIR, A.K. A Educação Inclusiva na Formação de Professores e no Ensino de Química: A Deficiência Visual em Debate. **Revista Química Nova na Escola** – São Paulo – SP. Vol. 35, Nº 4. P. 264-271, Novembro 2013.

GONZÁLEZ, J.A.T. **Educação e diversidade**: bases didáticas e organizativas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GLAT, R.(org.) **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

LEITE, D. Pedagogia Universitária no RS: caminhos. In MOROSINI, M. C. (Org.). **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003.

LITWINCZUK, L. **Educação Especial Inclusiva no Brasil: Trajetória Histórica**. Universidade Estadual de Maringá, Campus Regional de Cianorte, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Cianorte, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MATHIAS, Daphine Ferreira. **Metodologias para o ensino de ciências direcionadas a alunos com necessidades educativas especiais**. Porto Alegre, 2009.

SALOMÃO, A. C. **Número de matrículas de pessoas com deficiência cresce no Brasil**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=21439:numero-de-matriculasdepessoas-com-deficiencia-cresce-no-brasil&catid=202>. Acesso em: 03 out. 2016.

SILVA, W. D. A. **Outros Olhares: Uma análise sobre o processo de aprendizagem de Química à luz da deficiência visual**. 2015. Monografia (Graduação em Licenciatura em Química) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Iguatu/CE, 2015.

SILVA, J. L.; Silva, D. A.; MARTINI, C.; DOMINGOS, D. C. A.; LEAL, P. G.; BENEDITTI FILHO, E.; FIORUCCI, A. R. A Utilização de Vídeos Didáticos nas Aulas de Química do Ensino Médio para Abordagem Histórica e Contextualizada do Tema Vidros. **Química Nova na Escola**. 34 (04), p. 189 – 200, 2012.

SENNA, L. A. G. Formação Docente e Educação Inclusiva. **Cadernos de Pesquisa**. v. 38, n. 133, 2008.

SCHNETZLER, R.P. A Pesquisa no Ensino de Química e a Importância da Química Nova na Escola. **Química Nova na Escola**. n. 20, p. 49-54, 2004.

SCHÖN, D. A. **El profesional reflexivo**: como piensan los profesionales cuando actúan. Barcelona: Paidós, 1998.

TAVARES, L.H.W.; ZULIANI, S.R.Q.A. **Representatividade e Tendências da Pesquisa na área de Química nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2005)**. VII Enpec (Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Florianópolis, 8 de Novembro de 2009.

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre princípios políticos e práticas na área das necessidades educativas especiais**: aprovado por aclamação na cidade de Salamanca, em 10 de junho de 1994. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

APÊNDICE – A: QUESTIONÁRIO AVALIATIVO PARA LEVANTAMENTO DE DADOS, MEDIANTE A VISÃO DOS PROFESSORES DE QUÍMICA EM EXERCÍCIO, QUANTO A INSERÇÃO DE ALUNOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS EM SUAS AULAS.

CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

Este questionário tem por finalidade a obtenção de informações, para ser analisado e comentado no TCC da aluna **Ana Lucia Alves dos Santos** do curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). De acordo com o comitê de ética de pesquisa da UEPB, os nomes das pessoas envolvidas na pesquisa não serão divulgados.

	<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB CENTRO DE CIÊNCIAS E SUAS TECNOLOGIAS- CCT PESQUISADORA: ANA LÚCIA ALVES DOS SANTOS GRADUANDA DO CURSO: LICENCIATURA EM QUÍMICA. ORIENTADOR: DR. FRANCISCO FERREIRA DANTAS</p>
---	---

Questionário Avaliativo para levantamento de dados, mediante a visão dos professores de química em exercício, quanto a inserção de alunos com deficiências em suas aulas.

Dados do professor (a):

Idade: _____ Formação _____

- 1) Você possui algum aluno ou já possuiu, com algum tipo de deficiência em suas aulas de Química? Como foi ou é essa experiência?

- 2) Qual (is) maior(es) dificuldade(s) atual do professor mediador do conhecimento, com relação aos alunos deficiente?

Não ter experiência () Falta de alguma formação na graduação () a não colaboração da escola ()
() não tenho/tive nenhuma dificuldade ()

- 3) Existe alguma situação em que a inclusão pode ser considerada inadequada para os alunos com deficiência na rede regular de ensino? Por quê?

- 4) Você se considera apito (a) para trabalhar diversos conteúdos da química com alunos de necessidades especiais?

SIM () NÃO () PARA ALGUMAS DEFICIÊNCIAS SIM ()

- 5) A presença de um aluno com necessidades educacionais especiais numa turma de ensino regular, interfere no progresso de ensino aprendido dos demais colegas da mesma turma? Por quê?

- 6) Os alunos ditos “normais” que interagem com os alunos com necessidades educacionais especiais têm menos possibilidades de se desenvolverem?

SIM () NÃO ()